ISSN: 2358-8829

ALDEANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FORMAÇÃO INICIAL DE EDUCADORES AMBIENTAIS

Janelene Freire Diniz [1]

INTRODUÇÃO

Esta narrativa emerge de um processo investigativo que buscou fortalecer uma perspectiva ambientalista na sensibilização e na capacitação de educadores, desde a sua formação inicial, por meio da construção coletiva de práticas decoloniais de educação ambiental em diálogo com os saberes indígenas.

Conforme é destacado por Medeiros e Guimarães (2022), outras epistemologias e formas de viver, presentes nos saberes tradicionais dos povos indígenas, muito podem contribuir para a superação da grave crise socioambiental que vivemos.

Nesse sentido, considerar o movimento de "aldeamento da Educação Ambiental" na formação inicial de educadores ambientais, como um projeto ético, político e epistemológico, implica romper com as bases eurocêntricas e coloniais da educação e assumir perspectivas educativas pautadas na diversidade, na partilha e no diálogo entre mundos e saberes indígenas e não indígenas. "Aldear" significa, neste contexto, reconectar o ato educativo com o território, com a ancestralidade e com o respeito à natureza, promovendo a aprendizagem como encontro de cosmologias e modos de existência.

As ações desenvolvidas compõem parte de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar (Mestrado e Doutorado Profissional) da Universidade Federal de Rondônia (PPGEEProf/UNIR), realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), Campus Guajará-Mirim.

[1] Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - SP. Mestra em Educação Escolar pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar - Mestrado e Doutorado Profissional da Universidade Federal de Rondônia - RO. Servidora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - RO. E-mail: janelene.diniz@ifro.edu.br.

O projeto de pesquisa foi institucionalizado por meio do Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação do respectivo campus e obteve a devida aprovação pelos Comitês de Ética competentes.

Reconhecemos a importância de promover práticas pedagógicas que favoreçam o diálogo entre diferentes conhecimentos e fortaleçam o respeito às múltiplas formas de existência e aprendizagem. Assim, buscou-se contribuir para uma educação comprometida com a valorização da diversidade cultural, com a justiça social e com a formação de educadores ambientais críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Os resultados indicam que o diálogo intercultural com lideranças indígenas favoreceu, entre os participantes, o desenvolvimento de sensibilidades ecológicas e de perspectivas críticas sobre as relações entre sociedade e natureza.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa-ação conforme Thiollent (2011), com abordagem qualitativa. Foi desenvolvida no *Campus* Guajará-Mirim do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, e contou com a participação de oito estudantes dos cursos de Licenciatura em Química e Biologia da instituição e sete servidores interessados na formação.

Para iniciar o movimento, os participantes assistiram a vídeos protagonizados por indígenas de diferentes povos — entre eles Ailton Krenak, Daniel Munduruku e representantes do povo do Xingu — e realizaram leituras de textos e poemas de autoria indígena sobre o meio ambiente. Em seguida, ocorreram rodas de conversa com lideranças indígenas locais, que aceitaram partilhar seus saberes ancestrais e ecológicos.

A crise socioambiental que marca o tempo presente afeta todos os povos, sobretudo as comunidades tradicionais e os economicamente vulneráveis. Nesse cenário, promover reflexões sobre essa problemática e buscar soluções precisa ser um compromisso coletivo partilhado por todos os povos do planeta. Neste recorte da investigação realizada, abordaremos em especial um dos momentos de diálogo entre as lideranças indígenas convidadas e os participantes.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

Os povos originários possuem uma relação intimamente conectada à natureza, radicalmente diferente dos padrões capitalistas ocidentais que mercantilizam o meio ambiente e naturalizam a exploração de todas as formas de vida. Nessa direção, Boff (2022) aponta que os povos indígenas são exímios ecologistas, responsáveis por criar condições essenciais para o desenvolvimento de diversas espécies vegetais por meio do manejo dos territórios. O contato com esses povos pode contribuir para construirmos caminhos mais justos e sustentáveis.

Na concepção de Colón (2025), as formas de compreensão dos povos indígenas proporcionam outras possibilidades para a proteção ambiental. Assim, fomentar diálogos construtivos e criativos com os povos indígenas, em suas diferentes visões de mundo, possibilita construir coletivamente uma educação ambiental crítica e decolonial, fundamentada no respeito e na partilha de conhecimentos.

Frente à gravidade da crise socioambiental e à emergência do clima que já ameaça a sobrevivência de todas as espécies do planeta, considerar uma perspectiva de Educação Ambiental que se abre para dialogar e aprender com os povos tradicionais pode ser uma importante estratégia que nos conduza às transformações necessárias para impulsionar movimentos capazes de promover um educar para a preservação da vida em todas as suas formas. Nessa perspectiva, Rodrigues (2021) reconhece a potência das epistemologias dos povos tradicionais no enfrentamento dos problemas ambientais contemporâneos.

Urruth e Calixto (2018) compreendem que os povos indígenas concebem a educação ambiental nas suas formas de se relacionar consigo, com a natureza e o ambiente constituído. Para as autoras, essas relações com o meio, com o território e com a natureza são construídas no dia a dia de suas existências.

Nessa esteira, os saberes e fazeres dos povos originários podem constituir-se como rica possibilidade para que a Educação Ambiental da atualidade busque modificar os enfoques etnocêntricos em relação ao meio ambiente. Assim, é necessário assumir um posicionamento decolonial de desconstrução de verdades tidas como únicas e nos abrir aos saberes e fazeres epistemológicos dos povos tradicionais (Rodrigues, 2021).

Para Diniz (2017), o encontro com as sociedades não modernas possibilita perceber que as formas de atuação desses povos no mundo, orientadas por suas ontologias

não ocidentais, produzem efeitos muito distintos dos impactos da visão de mundo moderna, que ameaçam a ecologia planetária.

Nesse cenário, em que a relação entre ser humano, meio ambiente e educação assume um papel cada vez mais desafiador, a demanda por formar educadores com conhecimentos que possibilitem a compreensão de processos socioambientais cada vez mais complexos torna-se ainda mais urgente.

Soares e Guimarães (2022, p. 57) reconhecem que:

> Diante de uma crise socioambiental em escala planetária, em que as mudanças climáticas já demonstram em nosso cotidiano a gravidade e a urgência para a efetiva inserção da dimensão ambiental na educação, é que se justifica refletir sobre a formação de educadores ambientais capazes de dinamizar essas intervenções pedagógicas, que possam contribuir com o enfrentamento de tão importante questão da atualidade.

Assim, é fundamental fomentar a conscientização e sensibilização dos sujeitos, de modo a despertar para a urgência de movimentos de transformação que auxiliem no enfrentamento à degradação do planeta que habitamos. Carvalho (2017) entende que o educador é naturalmente um intérprete na mediação da compreensão e da experiência de estar no mundo e dele participar, despertando outros sentidos, num fazer reflexivo, provocando outras leituras da vida, novos aprendizados e novas percepções de mundo e de nossas ações nesse processo.

Soares e Guimarães (2022) consideram que o educador ambiental, ciente da importância da educação ambiental no enfrentamento dos graves problemas socioambientais, reconhece a relevância de sua função social e fortalece a autoestima necessária para uma atuação militante, comprometida com o bem comum.

Desse modo, é essencial promover a formação adequada dos educadores ambientais das diversas áreas do conhecimento, criar espaços de diálogos e trocas de conhecimentos com as comunidades tradicionais, de modo a sensibilizar, capacitar e engajar esses profissionais para um educar com compromisso ético, político e ecológico, por uma educação em favor da vida, da diversidade e da justiça socioambiental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreendendo a necessidade de construir novos saberes e potencializar ações ambientais na instituição e na comunidade local, propusemos um movimento de “aldear

a Educação Ambiental", entendendo-o como convite para integrar os povos originários e seus saberes na construção de práticas educativas que possibilitem pensar e fazer educação ambiental de forma efetiva, dialógica e decolonial.

Na concepção de Gonçalves (2022, p. 15): "A inclusão de diálogos dentro de uma dimensão ambiental no processo de ensino/aprendizagem é essencial para a formação de cidadãos críticos/reflexivos." Compreendendo a importância de avançarmos nessa perspectiva de produção de conhecimentos alicerçados no diálogo, a seguir apresentamos um recorte desta pesquisa dialógica. Os momentos de diálogos junto às lideranças indígenas iniciaram com as apresentações, como se observa nas falas transcritas a seguir:

> Boa noite a todos que estão participando desta live tão importante! (...). Sou do povo Tupari, resido aqui na terra indígena Sete de Setembro no município de Cacoal Rondônia e atualmente sou a coordenadora da Associação das Guerreiras Indígenas de Rondônia, a Agir. E é um prazer estar com vocês nessa noite para gente fazer essa roda de conversa, dialogar e interagir entre nós indígenas e também os professores e os alunos que estão aí presentes participando (Liderança indígena do povo Tupari).

> Boa noite a todas e todos, grata pelo convite, um prazer participar com um tema tão relevante tanto para a população indígena como para a população não indígena. (...) sou da etnia Oro Mon, eu sou Professora indígena e atualmente eu exerço a função de chefe do setor de educação escolar indígena na CRE aqui estamos aqui à disposição para dialogar e trocar também as nossas experiências (Liderança indígena do povo Wari' subgrupo Oro Mon).

> Awina[2]! Sou (...), da etnia Waram, do Povo Wari e sou Professor indígena também, e ao mesmo tempo sou parlamentar indígena nessa região de Guajará-Mirim. Obrigado pelo convite, estou aqui à disposição para contribuir com as minhas experiências também, awina! (Liderança indígena do povo Wari' subgrupo Waram).

Os diálogos seguiram com a partilha sobre a importância dos conhecimentos tradicionais e dos ensinamentos passados pelos mais velhos. A fala da liderança aponta, ainda, para a sua responsabilidade, enquanto professora indígena, de dar continuidade aos processos de transmissão desses saberes tradicionais e de continuar contando as histórias que os mais velhos contavam, uma história que, infelizmente, os livros didáticos não contam:

> Então, como hoje também eu sou Professora, o nosso papel enquanto Professora indígena é contar a nossa história, que não se encontra em nenhum livro didático. Os conhecimentos tradicionais que nós temos hoje, na verdade, os ensinamentos, temos a participação muito importante dos sabedores

[2] Awina é uma palavra da língua Wari', significa bonito, bom, boa, expressa tudo de bom. Utiliza-se como bom dia, boa noite. A língua Wari' tem família linguística do Txapakura (Oro Mon, 2023).

> tradicionais, que são aqueles mais velhos. Eles hoje são poucos que existem, aqueles mais velhos que presenciaram dois mundos: antes do contato, durante o contato e depois do contato e todas as mudanças que ocorreram nas etnias existentes no Brasil e fora do Brasil, com essa introdução de outros elementos culturais de outras etnias indígenas e também dos não-indígenas. (Liderança indígena do povo Wari', subgrupo Oro Mon).

Nesse segmento, sobre a importância das histórias que se contam de geração a geração, Natanael Pabikãr Suruí nos revela:

> A partir das histórias indígenas o povo compreende a natureza, ou seja, os animais, floresta e o rios, por meio desse conhecimento se cria relação e o respeito ao próximo, então as histórias indígenas precisam ser preservadas dentro da comunidade, porque a partir da história se cria conhecimento e cultura, e a cultura é a identidade de um povo (Suruí, 2023, p. 69-70).

Dando continuidade ao movimento dialógico, as lideranças partilharam saberes tradicionais repassados por seus ancestrais acerca da natureza, de seus territórios e da vida. Nas falas a seguir, é possível reconhecer um modo de estar e viver no mundo fundamentado no respeito à natureza e alinhado à coletividade:

> Eu gosto muito de falar Guajará-Mirim é território tradicional do povo Oro Mon, e o povo Oro Mon é um dos subgrupos do povo conhecido por Wari' ou Pacaás Novos na literatura, que é o maior povo de Guajará-Mirim e do estado de Rondônia. E muitas vezes essas informações são desconhecidas até pelos próprios acadêmicos não só de Guajará-Mirim, mas de Rondônia. Poucos são os que sabem sobre a história das etnias existentes aqui no município. (...) Só em Guajará-Mirim nós temos 23 povos, e quem são esses povos? Como vivem esses povos hoje? (...) Historicamente, o povo Wari' tem um grande respeito pela natureza, respeito pelo território, o uso é somente para as suas necessidades básicas (Liderança indígena do povo Wari', subgrupo Oro Mon).

> (...). As mulheres produzem suas artes, elas precisam que esteja todo esse material lá na natureza para poder tirar, por exemplo, para fazer cerâmica, elas precisam do rio, do igarapé, elas precisam manter o igarapé sempre vivo. Para tirar a palha da Palmeira para fazer cestaria elas precisam ter sempre a palmeira de pé para poder tirar o olho da palha para fazer. Para produzir os colares de coco elas precisam manter o coqueiro de pé, o tucumã. Então a gente precisa ter sempre essa visão sustentável dentro da nossa comunidade. A gente tá vendo, também, que muitas vezes o progresso entre aspas que os políticos querem não serve para gente (Liderança do povo Tupari).

> Observando os sinais da natureza, como a florada das árvores e o canto das cigarras, conseguem perceber se o período chuvoso ou de seca está próximo. Com base nisso, podemos perceber que existe uma completa integração entre natureza e seres humanos, um depende do outro, por isso o indígena tem respeito pelo território onde vive (Tupari e Martini, 2022, p. 11).

Nessa esteira, Kopenawa e Albert (2015, p. 663) reverberam: "Nossos antepassados nunca tiveram a ideia de desmatar a floresta ou escavar a terra de modo desmedido." As falas das lideranças indígenas nos impulsionam a pensar outras

perspectivas de mundo, nas quais o respeito pela natureza, pelo território e pelas demais formas de vida, historicamente constituído, mantém-se apesar de toda a interferência do contato com o nosso modelo de sociedade capitalista. Nas palavras das lideranças indígenas, é possível reconhecer um modo de vida oposto ao da acumulação e da exploração, um modo de ser/estar muito mais equilibrado e sustentável, no qual importa apenas a subsistência humana em sintonia com as demais formas de vida.

Do mesmo modo, manter a floresta em pé, preservar o rio vivo, encontrar no que a Mãe-Terra oferece uma fonte de renda, uma forma de preservação da vida nos inspira a enxergar uma outra maneira de produção, uma outra forma de vivenciar a experiência de estar neste planeta. O que a sociedade capitalista ocidental entende como “progresso” é questionado pelas sociedades indígenas tradicionais, sociedades que buscam preservar seus modos de vida alinhados com a terra, fundamentados em uma profunda conexão e pertencimento.

Para Muñoz (2003, p. 300):

> A comunidade indígena tem em sua versão local o espaço que ordena e se reconhece organizador da vida e da convivência, experimentando-se mundos de aprendizagens e de solidariedades mediante diversas estratégias éticas e de representação da ordem. Dentro desses valores, ocupa um importante lugar o cuidado dos bens naturais e comuns (...).

O modelo de mundo ocidental trouxe consigo um modo de vida e de produção econômica insustentável, que ao enxergar a natureza de forma mercantilista vem provocando inúmeras problemáticas socioambientais. Essas consequências afetam todos, indígenas e não indígenas, sendo os povos originários afetados de forma muito mais profunda, devido aos seus modos de viver integrados com a natureza. A presença desses povos tradicionais nos movimentos de luta em defesa da floresta tem sido cada vez mais marcante.

> Eu da minha parte como professora, sempre que possível nós trabalhamos repassando os conhecimentos adquiridos para manutenção do nosso povo, para manutenção da nossa identidade, para manutenção da nossa língua, para manutenção da nossa existência. (...) Brigamos pelo coletivo para inserir todo tipo de vida, os povos indígenas da sua forma continuaram mantendo o que sobrou e o que ainda tem. (Liderança indígena do povo Wari’, subgrupo Oro Mon).

Dessa forma, esses potentes momentos de partilha de vivências e de escuta nos possibilitaram uma rica experiência de conhecimentos socioambientais e práticas voltadas ao respeito ao meio ambiente, a todas as formas de vida.

Aliar saberes indígenas tradicionais e sustentabilidade para o fortalecimento do diálogo intercultural na nossa instituição, promovendo a formação inicial de educadores a partir dos saberes e vivências dos povos indígenas locais, possibilitou importantes momentos de reflexão para pensarmos caminhos e estratégias de superação e enfrentamento às crises que marcam nosso tempo.

Os encontros com a sabedoria desses povos, que possuem uma cosmovisão integrada da vida, uma conexão intrínseca e ancestral com a natureza e um alinhamento à coletividade, proporcionam outras possibilidades de organização social e de compreensão da vida, mais ecológicas e sadias, que nos revelam sensibilidade, sustentabilidade e força para refletir e resistir às inúmeras formas de alienação e degradação do tempo que vivemos.

Reconhecer outras formas de viver, de se conectar com o meio ambiente, perceber a importância do saber ancestral, dos conhecimentos ensinados de geração a geração podem se constituir como forma de resistência em tempos sombrios de crise socioambiental, possibilitando que novos caminhos sejam percorridos para pensar a educação e a vida. A seguir, partilhamos algumas vozes dos sujeitos que participaram desta pesquisa, deste encontro de mundos:

> Participar das ações realizadas pelo projeto foi uma experiência extremamente enriquecedora, pois me possibilitou ter uma ampla visão sobre questões socioambientais. (...) as conversas em grupo, as discussões propostas, me auxiliaram a ter perspectivas diferentes, e somaram em grandes conhecimentos, e percebi um avanço no pensar e agir como futura docente e bióloga. Sou muito grata pela oportunidade (Estudante 1, participante da pesquisa).

> Foi muito gratificante e enriquecedor participar desta pesquisa de mestrado. As atividades ofereceram uma oportunidade única para refletir as questões socioambientais a partir dos saberes dos povos indígenas. Foi possível perceber o quanto é importante reconhecer os conhecimentos tradicionais e sua relevância e contribuição para o conhecimento moderno quando se trata da discussão dos problemas ambientais (Servidora Colaboradora 2).

> Pensar as questões socioambientais a partir dos saberes dos povos indígenas é como apostar em ideias para adiar o fim do mundo, para citar Krenak. Com os povos indígenas, oportunizado por essa pesquisa, conduzida, talvez, em um tom menos de esperança e mais de esperançar, ou seja, de ação prática. Trazer os povos indígenas para as instituições de ensino, pesquisa e extensão como o IFRO é como fortalecer os fios que interligam a teia da vida. Afinal, não se

> vive sozinho, e os saberes originários precisam ser convocados para quem sabe, transmutar aquilo que se entende por natureza (Servidor Colaborador 1).

Os relatos evidenciaram que o contato com outras perspectivas culturais favorece o desenvolvimento de uma postura mais crítica e sensível diante das diferenças, contribuindo para desconstruir estereótipos historicamente reproduzidos nos espaços educacionais. Foi possível observar a entrega, o engajamento e a participação ativa dos envolvidos, revelando a potência de promover o diálogo com os saberes indígenas do povo Wari' no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.

> Aprendi que a natureza não deveria ser tomada como recurso ou mesmo como oposta à cultura e que nossas palavras devem ser usadas de modo prático para defender a floresta e as existências. Aprendi que não se escreve apenas com as mãos: aciona-se o corpo inteiro, cuja expressão máxima é o envolvimento, o pertencimento à terra — e não ela a nós. Ou seja, não somos donos da natureza; é ela que nos tem. Com os povos indígenas Wari' e de Guajará-Mirim, aprendi a olhar para os vegetais e não ver apenas cipós, mas fazer deles cestarias cujo significado opera em prol de um envolvimento vegetal. Na dança das ervas, as mulheres sopram vida. Não se toma a floresta para si; pede-se licença para adentrar e tocar nas rochas. Desarranjar a cultura da opressão deve ser nossa luta. Devoramos histórias de massacre e escrevemos juntos outras histórias pelas margens da vida e do rio Mamoré: indígenas, caboclos, histórias de troncos e raízes, estudantes do IFRO, todos juntos segurando o céu para que ele não caia (Servidor Colaborador 1).

Os resultados apontam que experiências educativas fundamentadas no diálogo intercultural podem contribuir significativamente para a formação de educadores ambientais mais conscientes da diversidade humana e cultural. Foi possível observar o engajamento dos participantes e o interesse em conhecer outras formas de produzir conhecimentos socioambientais, demonstrando o potencial dessas ações para enriquecer os processos educativos no âmbito da educação superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto de crise socioambiental global e de avanço das lógicas capitalistas e colonialistas, repensar a formação de educadores ambientais tornou-se urgente. O movimento de “aldear a educação ambiental”, desenvolvido no IFRO, representa uma prática ética, política e ecológica de resistência, fundamentada no diálogo intercultural e na valorização dos saberes ancestrais dos povos originários.

A experiência evidenciou que o contato direto com as lideranças e as cosmovisões indígenas possibilita aos futuros educadores desenvolverem sensibilidades ecológicas e

perspectivas críticas sobre as relações entre sociedade e natureza. Ao reconhecer a floresta, o rio e a terra como sujeitos de direito e não como recursos, os participantes foram convidados a reconstruir suas próprias concepções de mundo e de docência.

Essa proposta pedagógica, ao entrelaçar saberes tradicionais e científicos, fortalece a educação ambiental como um projeto decolonial e emancipador, em que o ensino se torna um ato político de defesa da vida e da diversidade. “Aldeando” a formação docente, abrimos espaço para outras epistemologias, para o exercício da escuta e para o reconhecimento de que não há futuro possível sem a preservação da natureza e o respeito às múltiplas formas de existência.

Como propõe Krenak (2019), é preciso adiar o fim do mundo. Fazê-lo passa, necessariamente, por uma educação construída na união entre o conhecimento acadêmico e a sabedoria ancestral, formando educadores capazes de atuar na luta por um planeta mais justo e ecológico.

Palavras-chave: Educação ambiental; Saberes indígenas; Práticas decoloniais; Formação docente.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos povos originários, à Universidade Federal de Rondônia e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia por oportunizarem a realização da nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **O casamento entre o céu e a terra**: contos dos povos indígenas do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2017. E-book.

COLÓN, Marcos (org.). **Utopias amazônicas**. Cotia: Ateliê Editorial, 2025.

DINIZ, Juliana Mota. **Reconectando natureza-cultura e tradicional-moderno na superação de uma crise civilizatória**: pela decolonialidade do poder, saber e ser. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

GONÇALVES, Dalila da Costa. **Educação ambiental crítica**: um pensar no contexto das mudanças climáticas. 2022. Monografia (Especialização em Práticas Pedagógicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Alegre, 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Nova ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MEDEIROS, Heitor Queiroz de; GUIMARÃES, Mauro. Experiências significativas com saberes tradicionais indígenas. *In*: GUIMARÃES, Mauro (org.). **Educação ambiental e a "comvivência pedagógica"**. Campinas: Papirus, 2022. E-book.

MUÑOZ, Maritza Gómez. Saber indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. *In*: LEFF, Enrique (org.). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez; Blumenau: Edifurb; Brasília: PNUMA, 2003. p. 282-323.

ORO MON, Jap Mete Verônica. **Obra autoral produzida para o Curso de Formação Continuada Wari'.** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, Guajará-Mirim, 2023.

RODRIGUES, Walace. Educação ambiental e humanização: decolonizar é preciso. **Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 26, n. 1, 2021. Disponível em: https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/12989. Acesso em: 15 set. 2025.

SOARES, Ana Maria Dantas; GUIMARÃES, Mauro. Caminhos trilhados. *In*: GUIMARÃES, Mauro (org.). **Educação ambiental e a "comvivência pedagógica"**. Campinas: Papirus, 2022. E-book.

SURUÍ, Natanael Pabikãr. **Paiter Sade Matered Miter Mãhb Esameitxa Eyawemin Aweitxa**: conhecimento ancestral e a relação do povo Paiter com a castanheira (*Bertholletia excelsa*). 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Básica Intercultural) – Universidade Federal de Rondônia, Ji-Paraná, 2023.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TUPARI, Gilberto Katari; MARTINI, Carma Maria. **Etnomatemática do Povo Tupari: nossos saberes e fazeres tradicionais.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Educação Intercultural da Universidade Federal de Rondônia (DEINTER/UNIR), campus de Ji-Paraná, 2022.

URRUTH, Maria de Fátima Nascimento; CALIXTO, Patrícia. Educação indígena e educação ambiental – aproximações: o caso do povo do pássaro azul Shanenawá. **Thema**, Pelotas, v. 15, n. 2, p. 575-591, 2018.